

demónios portugueses
saga dos pirenéus, livro 2
vítor carmona



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina



● Le Boulou

● Céret

● Maureillas

● Arles-sur-Tech

● Bellegarde
(fortaleza)

● Figueres

● Céret

● Rosas

● Gerona

● Lisboa

● Algeciras



LOCAIS
DA
NARRATIVA

*Como sempre, dedico este livro à minha
mulher, Katia Santos, pelo apoio incondicional,
e ao meu editor, Luís Corte Real, por continuar
a apostar nos autores nacionais.*

Em memória do General Gomes Freire de Andrade
(Viena, 27 de Janeiro de 1757 — Oeiras, Forte de São Julião da Barra, 18 de Outubro de 1817).

«UM MÁRTIR DA LIBERDADE»

PRÓLOGO



Com a assinatura de uma convenção de mútuo auxílio entre Portugal e Espanha, a Corte Portuguesa enviou, a 20 de Setembro de 1793, cinco mil homens, pertencentes a seis regimentos de infantaria, que correspondiam a um quarto do exército português, para combaterem, ao lado dos espanhóis, os revolucionários franceses na província do *Roussillon* ou Rossilhão, nos distantes Pirenéus Orientais.

Depois de uma penosa viagem por mar, o Exército Auxiliar à Coroa Espanhola, como era denominado, sob as ordens do general escocês, John Forbes Skellater, desembarcou debaixo de um dilúvio, no dia 9 de Novembro, em Rosas, na Catalunha.

O primeiro teste à sua capacidade de combate dos soldados portugueses ocorreu na madrugada do dia 26 de Novembro, na pequena vila de Céret, um local de vital importância estratégica, devido à sua famosa ponte, a Ponte do Diabo, pela qual se fazia a travessia do temperamental rio Tech e constituía a principal via de acesso à cidade de Le Boulou, onde estava o quartel-general do exército espanhol.

Mal refeitos de penosas marchas, desde o porto de desembarque, até à linha da frente, os inexperientes soldados portugueses sofreram um inesperado e vigoroso ataque francês ao reduto que defendiam, no ponto mais exposto da linha aliada. A rápida intervenção do coronel Gomes Freire de Andrade, liderando um corajoso contra-ataque, levou, não só à retomada do reduto, mas também à subsequente conquista de importantes posições inimigas.

Esta acção vitoriosa conduziu a um ataque geral, que culminou com a

conquista da cidade costeira de Collioure, colocando a posse dos Pirenéus Orientais nas mãos aliadas. Com o controlo deste território e face ao aproximar da estação invernos, os dois exércitos suspenderam os combates e puseram fim à campanha de 1793.

O Exército Auxiliar à Coroa Espanhola acantonou-se na agreste região do Vallespir, no flanco esquerdo do exército aliado, tendo por companhia a fome, o frio e a doença. Com os hospitais sobrelotados com centenas de soldados doentes e malnutridos, as ordens eram para aguentar, a todo o custo, a frágil e permeável linha de defesa, sobretudo contra as incursões constantes dos temíveis *miquelets*, as tropas irregulares francesas, que conheciam aquelas montanhas como as palmas das suas mãos.

Com a Primavera de 1794 a despontar, o capitão da 1.^a Companhia de Granadeiros do Regimento de Gomes Freire, Diogo Saraiva, voluntariou-se para localizar soldados do seu regimento nos hospitais espanhóis e transportá-los para Arles-sur-Tech, uma pequena localidade, situada no vale formado pelo rio Tech, onde se instalara o quartel-general das forças portuguesas. Aí se montara um hospital com as condições necessárias para acolher e tratar os doentes, pois, com o retomar dos combates, todos os homens aptos a lutar serão poucos para deter o Exército Francês dos Pirenéus Orientais, que aumenta o seu número, a cada dia, com novos e fanáticos conscritos.

O seu objectivo e o do seu novo comandante, o general Dugommier, para a nova campanha já não é apenas o de expulsar os aliados do território da República, mas também invadir a Catalunha e quem sabe ameaçar a própria existência da monarquia espanhola.

•PRIMEIRA•
PARTE



CAPÍTULO 1



Sant Quirze de Colera — Catalunha — Março de 1794

— **S**anto Deus! — exclamou Diogo Saraiva, ao entrar na igreja do velho mosteiro beneditino.

Um cheiro pestilento a sangue, vômito e excrementos humanos obrigou-o a tapar o nariz com um lenço. Diante dos seus olhos estavam dezenas de soldados esqueléticos, descalços, vestindo uniformes esfarrapados ou cobertos com velhas mantas de sarja. A maioria estavam deitados sobre as frias e húmidas lajes do chão, enquanto os restantes deambulavam pela igreja como espectros.

— O que esperava, meu capitão? Que cheirasse a rosas? — retorquiu o sargento Leitão, que seguia logo atrás, indiferente ao cenário.

Um enfermeiro espanhol, de aspecto macilento, transportando um balde com água, surgiu diante dos dois portugueses. O homem paralisou, surpreendido com a sua presença. Não conseguiu esconder um olhar temeroso perante a visão assustadora do sargento, cuja cara era marcada por um majestoso bigode e suíças farfalhudas, com as quais tentava disfarçar uma terrível queimadura na face direita.

— Fui informado de que têm aqui soldados portugueses. É verdade? — perguntou o oficial.

— *Soldados portugueses? Si, si... hay algunos, señor.*

— Leve-me até eles — ordenou, secamente.

— *Siga-me, señor* — respondeu o enfermeiro, olhando de soslaio para o sargento, cuja expressão o enregelara até aos ossos.

O mosteiro de Sant Quirze de Colera situava-se num vale profundo, a

meio caminho entre o quartel-general do exército espanhol, na pequena vila francesa de Céret e a praça-forte catalã de San Fernando de Figueres. Era um conjunto semiarruinado de construções austeras, erguido por monges beneditinos no século IX e há muito que fora abandonado pela ordem. Apenas a igreja e o palácio abacial haviam resistido à sua delapidação pela população, para a construção das suas habitações. Agora servia de hospital provisório na retaguarda da linha do exército aliado.

Os espaços que percorriam ofereciam-lhes o mesmo cenário que os acolhera: soldados deitados ou encostados às grossas colunas, que suportavam a nave principal da igreja. Alguns olhavam para o oficial português e estendiam-lhe a mão, balbuciando palavras ininteligíveis, procurando algum tipo de ajuda.

A maioria não fora sequer ferida em combate. Estavam doentes e subnutridos. A fome, o tifo e a tuberculose estavam a dizimar as fileiras a um ritmo alarmante. A inclemência do Inverno pirenaico, a falta de víveres e as péssimas condições de higiene nos acantonamentos e hospitais haviam sido responsáveis pela morte de centenas de soldados, nos últimos três meses, reduzindo ainda mais o número de efectivos incumbidos de vigiar e defender uma frente de quase oitenta quilómetros, desde Collioure, na costa mediterrânica, até Arles-sur-Tech, no flanco esquerdo do exército aliado.

O enfermeiro conduziu-os até a um canto escuro e fétido, numa das naves laterais da igreja, onde se depararam com um pequeno grupo de soldados deitados sobre esteiras. Alguns tossiam e tremiam de frio, outros apenas dormitavam.

— *Portugueses* — disse o enfermeiro, apontando para eles.

Sem pensar duas vezes, Diogo Saraiva agarrou o enfermeiro pelo pescoço e encostou-o com violência à parede.

— Malditos sejam! — vociferou, com os olhos raiados de sangue.

O oficial português hesitava entre asfixiá-lo até à morte ou apenas dar-lhe o maior susto da sua vida.

— *Ayuda! Ayuda!* — gritou o espanhol, largando o balde.

Vendo que a cara do enfermeiro começava a ficar roxa, o sargento Leitão decidiu intervir, antes que Diogo Saraiva o matasse.

— Meu capitão! Acalme-se! — implorou, interpondo-se entre os dois. — Este pobre desgraçado não tem culpa disto.

Quando já começava a revirar os olhos, Diogo Saraiva largou-o. Depois pontapeou o balde, que embateu com estrondo numa das paredes.

— Quem manda aqui? — perguntou, furioso.

— *El teniente Torres* — respondeu, com a voz rouca, procurando recuperar o fôlego.

— Chame-o!

— *Si, señor.*

O enfermeiro saiu a correr, aterrorizado com a reacção intempestiva do oficial português, e desapareceu por entre uma pesada porta de carvalho.

— O meu capitão tem de controlar-se. Por pouco não o matava.

— Vontade não me faltou, podes acreditar nisso.

— Eu acredito, meu capitão, mas iria meter-se em problemas com os espanhóis e já temos que cheguem com os nossos. Não é verdade? — respondeu o sargento, que conhecia bem o temperamento do seu chefe.

Mais calmo, Diogo Saraiva voltou a olhar para os soldados. Contou cinco homens. A maioria nem dera pela sua presença, mas um deles reconheceu-os.

— Meu sargento, ajude-nos! — sussurrou, levantando a mão.

Leitão dirigiu-se ao soldado e perguntou-lhe quem era.

— Sou o José da Silva, meu sargento. No quartel de Campo de Ourique tratavam-me por Bíblia. Fui seu recruta. Lembra-se de mim?

— Claro que me lembro, soldado. Andavas sempre com a palavra de Deus atrás.

— Ainda a tenho comigo. Tem sido a minha salvação.

— Se não disseses quem eras nunca te reconheceria. Porque estás aqui?

— Fui ferido numa perna por uma bala. A nossa patrulha foi atacada de surpresa por *miquelets* em Maureillas. Graças a Deus a ferida melhorou um pouco, mas apanhei a febre. Mal consigo levantar-me e não como uma refeição há uma semana. Ninguém aqui quer saber de nós. Antes de chegarem só desejava que o Senhor me levasse.

— Isso vai ter de esperar, soldado. Montámos um hospital em Arles. Irás recuperar num piscar de olhos.

— Deus o ouça, meu sargento.

— Amanhã partimos — interpôs-se Diogo Saraiva. — Mas antes vou ter uma conversa muito séria com o responsável por este inferno.

O enfermeiro não demorou em regressar, acompanhado por um jovem oficial e um sargento. O oficial apoiava-se numa muleta e arrastava a perna esquerda. Apesar do mau estado do uniforme, tinha um porte aristocrático e altivo. Diogo Saraiva deduziu que fosse oriundo de alguma família nobre catalã, de onde eram originários muitos dos oficiais espanhóis incorporados nesta campanha.

Os dois oficiais saudaram-se quando se encontraram.

— Sou o tenente Fabián Torres e este é o sargento Gordillo — disse, apontando na sua direcção. — Em que posso ser-lhe útil?

Diogo Saraiva reparou nas suas faces rosadas e no hálito a álcool.

— Sou o capitão Diogo Saraiva, da 1.^a Companhia de Granadeiros do Regimento de Freire — começou por dizer o oficial. — Tenho ordens do meu comandante para levar todos os soldados portugueses para Arles.

— Soldados portugueses? Sim, temos aqui alguns. Como pode ver, as condições são péssimas. Todos os dias morrem homens que poderiam lutar contra os jacobinos. *Una desgracia, capitán.*

— Sim, já percebi. Soube que os homens não são alimentados, nem as suas feridas tratadas.

— *Una desgracia!* — repetiu o tenente espanhol, encolhendo os ombros.

— É só isso que sabe dizer, tenente? — perguntou Diogo Saraiva, indignado. — Que tudo isto é uma desgraça? Os nossos soldados vieram para esta maldita guerra a pedido do vosso rei. E agora abandonam-nos à sua sorte.

— Compreendo o seu descontentamento, *capitán.* Mas, como vê, os recursos são escassos. Todos estamos a sofrer.

— Pelos vistos uns mais do que os outros...

— O que está a insinuar, *capitán?*

— Não estou a insinuar nada, tenente. Estou a acusá-lo de não prestar os cuidados médicos e a assistência aos nossos soldados. Não são as balas dos franceses que os estão a matar. São as doenças e a fome, percebe? Este sítio não é um hospital, é um cemitério!

— Essa acusação é muito grave, *capitán.* E o seu tom também.

— Muito grave é o que encontrei aqui. Como responsável por este hospital não o pode negar. Tenho testemunhas que não alimentam os nossos doentes há uma semana. Nega isso, tenente?

— Não nego que estamos com falta de provisões, mas todos aqui são tratados da mesma forma.

— Não acredito em si.

— Está a chamar-me mentiroso, *capitán?*

— Mentiroso e desumano!

— Devia mostrar mais respeito para quem o acolhe. Estas montanhas são perigosas, é bom termos amigos por aqui...

— Não me atemoriza com as suas ameaças veladas, tenente — respondeu, apoiando a mão no punho da sua cimitarra, um troféu dos tempos em que combateu os corsários argelinos no Mediterrâneo, ao serviço do rei espanhol.

Quando tudo se encaminhava para que a discussão entre os dois escalasse para o confronto, o sargento espanhol chamou o tenente e sussurrou-lhe algo ao ouvido. Segundos depois, mais calmo, o oficial retomou a conversa.

— Ora, ora, *capitán.* Não vale a pena zangarmo-nos. Isso não vai resolver

nada. Afinal somos aliados, não somos? Quando pensam em partir com os vossos doentes? — perguntou num tom conciliador.

— Amanhã, à primeira luz do dia.

— Então, são meus convidados. Vamos procurar-vos um lugar no mosteiro para passarem a noite. Devem estar a precisar de descanso.

— Não é preciso, tenente. Eu e os meus homens acampamos lá fora.

— Tem a certeza? As noites ainda são gélidas. Aqui ficarão mais confortáveis.

— Obrigado pelo convite, mas prefiro assim.

— O *capitán* é quem sabe. Os antigos aposentos do abade são excelentes. Depois não vá dizer ao seu comandante que não foi bem acolhido por nós. Bem... esta discussão sem sentido esgotou-me. Se não se importa, vou recolher-me. Qualquer coisa que precisem, chamem pelo sargento Gordillo.

O tenente soltou um gemido de dor ao virar-se.

— Posso saber o que lhe aconteceu, tenente? — indagou Diogo Saraiva, apontando para a sua perna esquerda.

— A perna? Está perdida. Fui atingido por uma bala de canhão no ataque a Villelongue, em Dezembro. Tive sorte em não ser amputada. Mas os combates acabaram para mim e a minha carreira também. Um tenente estropiado e *borracho* não tem utilidade no exército. Enviaram-me para aqui, como prémio de consolação, até que esta maldita campanha termine. Veja só a minha sorte.

— Lamento saber isso, tenente.

— Não mais do que eu, acredite, *capitán*.

— Espero que compreenda que terei de comunicar ao meu comandante o que vi neste hospital. Não posso deixar passar em claro a situação calamitosa em que se encontra. Não tome isto como uma questão pessoal. É o meu dever, tenente.

— Como acabou de dizer. É o seu dever, *capitán*. Talvez assim recebamos mais provisões.

— Não vejo nenhuma razão para isso, tenente, estando tão próximos de Figueres.

— Mas é a realidade... Bem, já que não aceitou o meu convite, despeço-me de si e do seu sargento. Foi um prazer conhecê-lo, *capitán* Saraiva.

O oficial espanhol deu meia-volta, seguido pelo sargento, e desapareceu por um dos corredores.

— Esse tenente é perigoso, meu capitão — disse o BÍblia baixinho. — Os enfermeiros trabalham para ele. Sempre que chegam novos soldados, tudo o que trazem de valor é-lhes retirado. Quem reclama é deixado para morrer num canto qualquer.

— Ouviu isso? — exclamou o sargento Leitão, apreensivo. — Não o devia ter provocado. Os espanhóis não são de confiança!

— O que querias que fizesse? Que ficasse calado? Os nossos homens estão a morrer à fome. Não posso pactuar com isto.

— Temos de sair daqui depressa, meu capitão. Estes tipos são bem capazes de nos cortarem as gargantas.

— É só uma noite, Leitão. Amanhã de madrugada partimos. Pega em dois soldados e passa o interior do mosteiro a pente fino. Não quero deixar nenhum dos nossos para trás.

— E o meu capitão?

— Eu vou dar uma vista de olhos ao exterior.

— Sozinho?

— Claro.

— Fique atento. Já não sei quem é o inimigo nesta maldita guerra, se os franceses ou os nossos *hermanos*.

Os dois saíram do mosteiro e dirigiram-se ao grupo de granadeiros que os aguardavam à frente da porta principal, junto de uma pequena igreja de estilo românico. Sentados nos dois carros de transporte, puxados por mulas, estavam quatro granadeiros e um enfermeiro, que ficaram aliviados quando os viram regressar.

— Não vais acreditar em quem encontrámos lá dentro, rapaz — disse o sargento a um dos soldados.

— Quem, meu sargento? — perguntou Sebastião Henriques, um jovem praça de Campo de Ourique, que se voluntariara para o Exército Auxiliar.

— O Bíblia! Lembras-te dele?

— Claro. Não o vejo desde o Natal.

— Não vais reconhecer o infeliz. É só pele e osso.

— Está ferido, meu sargento? — perguntou Joaquim Lopes, amigo inseparável de Sebastião e também ele um voluntário, cuja alcunha era o «Lâminas», pois era filho de um cutileiro e, além das armas regulamentares, anda sempre com um canivete de ponta e mola.

— Foi ferido na perna. Trouxeram-no para aqui e adoeceu. Nem se consegue levantar, coitado. Não come há uma semana. Morrerá se não o levarmos.

— E há mais portugueses?

— Encontrámos mais quatro. Todos à beira da morte.

— É o que tínhamos... — suspirou Sebastião.

— Vá, desçam daí! — ordenou o sargento Leitão. — Vamos vasculhar todos os cantos deste mosteiro. O nosso capitão quer saber se há mais. Se um dos nossos ficar para trás, está condenado.

Saltaram do carro e ficaram em sentido. Sebastião era moreno e alto, enquanto Joaquim era baixote, sardento e ruivo, cumprindo por pouco a altura mínima para entrar no exército.

— Preparem-se, rapazes. O que vão ver não é digno de uma casa de Deus.

Os dois amigos trocaram um breve olhar. A fama dos hospitais espanhóis era por todos conhecida, agora veriam com os próprios olhos o horror que apenas conheciam em relatos.

— Sigam-me!

Enquanto o sargento, os dois soldados e o enfermeiro entravam no mosteiro, Diogo Saraiva deu ordens para os restantes montarem os barraquins. Depois subiu para o cavalo e, dando um leve toque com o calcanhar no dorso do animal, começou a contornar, a passo, o edifício pela sua esquerda.

O mosteiro estava rodeado por um bosque de castanheiros, camuflando-o quase inteiramente, e dali conseguia ouvir o som de um regato, que passava poucos metros mais abaixo, o que indicava que não faltava água fresca no hospital. Mais à frente, reparou em dois cavalos que pastavam. Quando se aproximou, pareceram-lhe bem alimentados. Muito melhores do que o seu baio castanho. Continuou, até dobrar a esquina, onde se deparou com o que restava dos claustros.

Depois de prender o animal a uma árvore, prosseguiu a pé até chegar a um pátio, nas traseiras do edifício. Houvera ali, em tempos, muros altos, mas agora não passavam de um amontoado de pedras. Mais à frente, a cerca de cem passos, viu uma torre de defesa, que se erguia isolada. Observou duas sentinelas, que dormiam o sono dos justos, com os mosquetes encostados à parede.

Quando se preparava para avançar na sua direcção, foi surpreendido por um berro. Recuou e escondeu-se do outro lado da esquina. As sentinelas acordaram sobressaltadas e puseram-se de imediato em sentido. Reconheceu o sargento Gordillo, que as recriminou por estarem a dormir. Após os insultar com todo o tipo de impróprios, Diogo Saraiva viu como retirava um molho de chaves da cintura e depois de escolher uma delas abriu a porta da torre. Segundos depois surgiram dois homens, carregando uma arca, que levaram apressadamente para o seu interior. Logo que saíram da torre, a porta foi trancada pelo sargento, que olhou à sua volta e regressou ao mosteiro, não sem antes voltar a descompor as duas sentinelas.

— O que estaria naquela arca? — pensou Diogo Saraiva para com os poucos botões que ainda restavam na sua casaca.

CAPÍTULO 2



No interior do mosteiro, depois de deixar o enfermeiro com os doentes, o sargento Leitão e os dois amigos percorreram a igreja, passando por entre os soldados deitados, tentando não os pisar.

— Há aqui portugueses? — perguntava em voz alta. Mas ninguém respondia. Apenas ouvia gemidos e lamentos.

Um deles agarrou-lhe a perna e chamou-o. Era um velho soldado, quase sem dentes. Tremia de frio e balbuciava apenas uma palavra, que repetia sem parar.

— *Comida, comida, comida...*

O sargento olhou-o, desalentado. Pensou que em poucos dias aquele homem estaria morto, tal como a maioria ali.

— Não vêm que estão a perturbar os doentes com essa gritaria toda? — reclamou o sargento Gordillo, vindo na sua direcção.

— Quero ter a certeza de que não deixamos para trás nenhum dos nossos. Não queremos perder mais homens.

— Aqui estão apenas os que viram. Não há mais ninguém.

— Acredito em si, sargento. Mas acredito ainda mais nos meus olhos. Por isso, se não se importa, vou continuar à procura.

— Já lhe disse que não há mais portugueses aqui! — voltou a responder o sargento espanhol, subindo o tom da voz.

— Tenho ordens do meu capitão para vasculhar cada canto deste mosteiro e vou cumpri-las. Peço-lhe que saia da minha frente!

Contrariado, o sargento espanhol desviou-se e deixou passar os granadeiros.

Ao chegarem ao altar, Sebastião reparou numa porta entreaberta.

— Meu sargento, entramos? — perguntou, apontando na sua direcção.

— Claro. Vamos passar isto tudo a pente fino, como ordenou o nosso capitão — respondeu, dirigindo-se para a porta.

Quando se preparava para a abrir, o sargento Gordillo interpôs-se.

— Não estão autorizados a passar daqui.

— Porquê? — perguntou o sargento Leitão.

— São os nossos aposentos e os do nosso tenente. Não há nada que vos interesse ali dentro.

— Isso cabe-me a mim dizer! — exclamou, desviando o espanhol para o lado.

Quando entrou, foi surpreendido pelo tenente Torres, que lhe apontava uma pistola, com uma garrafa de aguardente na outra mão.

— Nem se atreva, sargento! *Fuera!* — exclamou o oficial.

— Tenho ordens do meu capitão para inspecionar todo o mosteiro, tenente.

— O seu capitão não tem autoridade aqui dentro. Já lhe disse para sair. Não vou repetir.

— Oiça, tenente, eu não quero arranjar nenhum problema...

Quando o oficial espanhol se preparava para responder, Diogo Saraiva surgiu.

— Qual é o problema, Leitão? — perguntou.

— Meu capitão! Ainda bem que chegou. O tenente recusa-se a deixar-me entrar.

— Esconde algo aí dentro?

— Como se atreve?

— Baixe essa pistola imediatamente, tenente. É uma ordem!

— Não recebo ordens suas, *capitán!*

— Sou o oficial mais graduado aqui e vai-me obedecer, tenente.

Perante a teimosia do oficial espanhol, Diogo Saraiva deu a ordem.

— *Apontar armas!*

Sebastião e Joaquim puxaram o cão dos fuzis para trás e levantaram-nos na direcção do oficial espanhol.

— Baixe a pistola, tenente. Olhe que não estou para brincadeiras. Já mandei disparar por menos.

O jovem tenente hesitou, mas perante a postura irredutível de Diogo Saraiva e a visão dos canos das armas, não lhe restou outra alternativa do que desengatilhar a pistola e guardá-la na cintura.

— Perdoe-me, *capitán* — começou por dizer. — Não queria chegar a este ponto. Como referi, somos aliados. Mas o seu sargento não me respeitou.

— Ele estava apenas a cumprir ordens, tenente. Então, podemos entrar?

— Se pedir com educação...

— Podemos entrar... por favor?

— Faça favor, *capitán*.

Diogo Saraiva penetrou numa divisão abobadada, onde quatro grandes janelas deixavam entrar a luz da tarde. Notou que tudo fora remexido, como se tivessem pressa em retirar algo. As suspeitas de que os espanhóis lhes escondiam alguma coisa aumentaram.

— Este era o refeitório dos monges — disse o tenente. — Agora usamo-lo como armazém e caserna para os homens. Como vê está quase vazio. Não recebemos provisões há um mês. O que nos resta não dá para alimentar os doentes mais do que um ou dois dias.

— É tudo o que têm?

— Sim.

— E aquela porta?

— São os antigos aposentos do abade. Agora uso-os para mim. Mas está à vontade para entrar se quiser ver um velho leito de ferro e algumas roupas usadas.

Diogo Saraiva deu uns passos em frente e aproximou-se da porta. Viu a chave na fechadura. Pensou em abri-la, mas a sua curiosidade não residia ali. Era a torre de defesa no exterior do mosteiro que lhe interessava.

— Quem quer ver um velho leito de ferro e roupas usadas? — perguntou, irónico.

O tenente Torres sorriu ao ouvi-lo.

Quando já dera meia-volta, escutou um ruído.

— Está alguém lá dentro, tenente?

O oficial espanhol arregalou os olhos e ficou petrificado, incapaz de responder.

Sem esperar um segundo, Diogo Saraiva dirigiu-se à porta, deu a volta à chave e abriu-a. Foi surpreendido por ver duas raparigas amordaçadas e acorrentadas à parede, mirando-o com os olhos esbugalhados, como se fosse o próprio Cristo.

— Tem alguma explicação para isto, tenente? — perguntou, virando-se para o oficial.

— Então, *capitán*. Um homem precisa de alguma companhia feminina que o ajude a superar a solidão neste fim de mundo. Não concorda?

— Concordo, mas precisam de estar acorrentadas e amordaçadas?

— Não é algo que me orgulhe como oficial, mas não queria que perturbassem a vossa estadia.

— Elas estão aqui de livre vontade?

— Livre vontade? Bem, digamos que ainda estou a tentar convencê-las a ficarem. Já deve saber como as catalãs são casmurras.

— Sabe que sequestro é crime, mesmo em tempo de guerra?

— Sequestro? Essas *pobrecitas* estão melhor aqui do que na aldeia miserável em que viviam.

— Liberte-as, tenente. É uma ordem!

— De acordo, *capitán*, já vi que é um cavalheiro. *Gordillo!* — chamou o tenente. — Solte as raparigas.

Sob o olhar condenatório de Diogo Saraiva, o sargento espanhol retirou as mordanças e libertou-as das correntes. As duas correram de imediato para junto do oficial português e atiraram-se aos seus pés, chorando desalmadamente. Não teriam mais idade do que as suas irmãs gémeas, que deixara em Portugal com o pai, na propriedade da família, em Benavente.

— Considere-se sob detenção, tenente!

— Mas, *capitán!* Não está a exagerar? São apenas duas raparigas da aldeia. Qual é o problema? Você é um homem como eu!

— E pelos vistos muito diferente de si.

— Não somos diferentes, ambos somos soldados nesta maldita guerra.

— Uma guerra entre vós, espanhóis e franceses. Não se esqueça disso, tenente.

— Uma guerra entre jacobinos e nações tementes a Deus, *capitán*.

— Basta de política! O que esconde naquela torre, lá fora? — perguntou-lhe, sem demora.

O tenente ficou a olhar para Diogo Saraiva.

— Torre? Não sei a que se refere.

— Não sabe? Não se preocupe, eu já vou descobrir. Sargento, tranque o tenente nos seus aposentos até eu perceber tudo o que se passa aqui.

— Como ordena, meu capitão! — respondeu, agarrando pelo braço o oficial espanhol.

Enquanto o tenente era levando para o interior da divisão, o sargento *Gordillo* fugiu a correr.

— Do que estão à espera? Apanhem-no! — gritou Diogo Saraiva.

Sebastião e Joaquim foram em sua perseguição. Atravessaram a divisão abobadada até chegarem à igreja. Viram que a porta que conduzia aos claustros estava aberta e seguiram até lá.

Quando chegaram ao exterior ficaram desorientados e hesitaram para onde ir.

— Segue por esse lado! — disse Sebastião ao amigo. — Eu sigo por aqui.

Enquanto Joaquim seguiu pela direita, até à fachada principal do mosteiro, Sebastião avançou na direcção oposta, para o pátio nas traseiras do edifício.

Quando dobrou a esquina foi surpreendido com dois mosquetes apontados pelas sentinelas da torre. Apenas teve tempo de dar meia-volta até ouvir a detonação. Sentiu uma bala a passar-lhe rente ao braço esquerdo e a outra a embater na parede do mosteiro. Sabia que tinha meio minuto antes que os soldados espanhóis recarregassem. Espreitou com cuidado e viu como o sargento Gordillo gritava e gesticulava para que os homens recarregassem. Era a oportunidade que precisava. Ajoelhou-se e apontou-lhe a arma. Puxou o cão e um segundo depois disparou.

O sargento foi projectado para trás, atingido em cheio pelo projectil esférico. Os dois soldados pararam e olharam atónitos para o seu sargento, estendido no chão, em convulsões, a jorrar sangue do peito.

Joaquim e os restantes granadeiros chegaram nesse momento, vindos do outro lado do edifício.

— Larguem as armas! — gritou.

Os espanhóis, vendo que estavam em minoria e sem as armas carregadas, não tiveram outra alternativa senão pousarem os mosquetes no chão.

— Bom trabalho, rapazes! — exclamou o sargento Leitão, que entretanto chegara, com Diogo Saraiva.

— É o sargento Gordillo? — perguntou, ao ver um corpo no chão.

— Sim, meu sargento. Está morto — respondeu Sebastião. — Atingi-o no peito. Aqueles dois dispararam contra mim primeiro e já estavam a carregar. Tive de o abater.

— Teve o que merecia. No teu lugar teria feito o mesmo — disse, tentando reconfortá-lo.

Quando Diogo Saraiva chegou junto do espanhol, este tinha os olhos abertos e um enorme buraco no peito, ainda borbulhante.

— Leitão, revista-o — ordenou.

Depois de rebuscar no uniforme, o sargento encontrou um molho de chaves.

— Só traz isto, meu capitão.

— Vê se alguma delas abre a porta da torre.

— A torre, meu capitão? Aquilo não passa de uma ruína...

— Faz o que eu te mandei.

Diogo Saraiva seguiu Leitão até à porta da torre e sussurrou-lhe o motivo do seu interesse naquele local.

— Eu vi uma arca a ser transportada aqui para dentro.

— Uma arca? Tem a certeza, meu capitão?

— Sim, Leitão. Fala baixo e abre essa maldita porta de uma vez.

O sargento experimentou as várias chaves até encontrar a certa. Deu duas voltas e destrancou a porta. Depois empurrou-a e entrou.

— Então? — perguntou, ansioso.

— O meu capitão tinha razão.

Diogo Saraiva avançou e espreitou para o interior.

— Agora percebo tanta preocupação! — exclamou.

Lá dentro viu amontoadas várias sacas de provisões, tonéis de vinho e azeite, roupas e sapatos e ainda algumas armas de fogo. Mais ao fundo, encostada a uma das paredes, descortinou aquilo que procurava, uma velha arca.

— Estes malditos estavam a desviar as provisões do hospital! — rosou o sargento Leitão.

— Resta saber porque o faziam. Traz-me um desses soldados. Quero fazer-lhe algumas perguntas.

Leitão agarrou um dos homens pelo braço e conduziu-o à presença de Diogo Saraiva, no interior da torre.

— Como te chamas? — perguntou.

— *Manuel*, senhor!

— Tens explicações para isto, soldado Manuel?

— Senhor, o tenente Torres e o sargento desviavam as provisões que chegavam de Figueres e vendiam-nas aos *somatenes*. Nós só cumpríamos ordens...

Os dois portugueses entreolharam-se. Conheciam bem os *somatenes*. Eram guerrilheiros catalães recrutados na população local, devido ao seu conhecimento do terreno. Não obedeciam à hierarquia militar e actuavam muitas vezes como bem entendiam, agindo como bandos de salteadores, para proveito dos seus chefes, abastados proprietários rurais, que aproveitavam a guerra para enriquecer e ganhar mais poder e influência.

— E o que está ali dentro? — perguntou o sargento, apontando para a arca.

O soldado hesitou em responder, mas perante o olhar ameaçador de Leitão, que quase lhe partia o braço, disse do que se tratava.

— *Un tesoro, señor!* Dinheiro dos *somatenes* e objectos de valor roubados aos doentes e aos desafortunados que passaram por estes vales.

— Ouviste isso, Leitão? Nunca vi semelhante barbaridade. Deixavam os homens morrer à fome para fazerem negócio com os guerrilheiros.

— Não tenho palavras, meu capitão. E a arca? Abrimos?

— Não. Não quero que os homens saibam disso. Fecha tudo. Vamos falar com o tenente e depois decidimos o que fazer com ela.

Quando regressaram ao antigo refeitório dos monges, encontraram as

duas raparigas sentadas a um canto. Diogo Saraiva observou-as e recordou-se de Beatriz e Leonor, as suas irmãs gémeas. Ambas eram morenas, com os olhos da cor do carvão, cabelos compridos e com as maçãs do rosto salientes.

— O que vamos fazer com elas, meu capitão? — perguntou o sargento Leitão.

— Devolvê-las à sua aldeia, claro.

— E qual será?

— Essa é uma das perguntas que tenho para o tenente.

Os dois seguiram para os aposentos do tenente espanhol. Quando chegaram, Diogo Saraiva engatilhou a pistola, enquanto Leitão destrancava a porta. Depois de rodar a chave, empurrou-a e entrou no quarto.

— Acho que o tenente não vai conseguir responder-lhe, meu capitão.

— Porquê? O que se passa?

— Melhor ver com os seus próprios olhos.

Ao entrar, viu como o corpo do tenente Torres baloiçava, pendurado pelo pescoço numa corda presa a uma das traves de madeira do tecto.

— Ele sabia o que o esperava e preferiu assim — disse o sargento.

— A solução dos cobardes! — rematou Diogo Saraiva.

— Ao menos poupou-nos o trabalho de levá-lo até ao quartel mais próximo.

Enquanto observavam o corpo do tenente espanhol, uma das raparigas entrou no quarto. Ao vê-lo, avançou e cuspiu-lhe, lançando-lhe todo o tipo de impropérios:

— *Cabrón! Maldito! Hijo de una gran puta!*

Diogo Saraiva agarrou-a e ordenou-lhe que parasse com aquilo. Quando conseguiu que ficasse mais calma, perguntou-lhe o nome.

— *Maria Ordoñez!*

— E a tua amiga ali? — perguntou-lhe, olhando para a outra rapariga, que parecia ser mais jovem. Não tivera a coragem de entrar e observava, da porta, o cenário macabro.

— É a minha irmã, Isabel.

Quando ouviu o nome, recordou-se da mulher que lhe partira o coração, Isabel Borges. A filha de um dos homens mais ricos de Lisboa.

— Leitão! — chamou a plenos pulmões, procurando afastar aquela memória dolorosa.

— Às suas ordens, meu capitão!

— Manda os homens tirarem-no daí. Depois enterrem-no e escrevam na lápide «Aqui jaz um traidor e um assassino». Assim todos saberão o vil canalha que está ali.

— Farei como ordena, meu capitão!

Diogo Saraiva saiu dos aposentos, com o nome Isabel ainda a ribombar na cabeça. Agora apenas desejava abandonar o mais depressa possível Sant Quirze e tentar esquecer tudo o que vira naquele lugar abandonado por Deus.